



de Lisboa.

## Contribuições para o estudo do retábulo barroco no Alentejo: a oficina do *insigne* escultor Manuel de Abreu do Ó

Francisco Lameira  
Universidade do Algarve

Ao José Alberto Gomes Machado

De entre os grandes mestres entalhadores portugueses da época barroca sobressaem dois algarvios – Manuel Martins, natural de Faro, e Manuel de Abreu do Ó, natural de Tavira<sup>1</sup>.

Enquanto que o primeiro faz toda a sua carreira no Algarve, o segundo é atraído por um centro produtivo de maiores dimensões – a região alentejana – tendo-se aí afirmado pela sua competência e está na origem de uma das mais proeminentes oficinas de entalhe na segunda metade do século XVIII, cujo vulto principal é o seu filho Sebastião de Abreu do Ó.

Convém previamente referir que a actividade profissional de Manuel de Abreu do Ó e de Sebastião de Abreu do Ó tem sido intimamente associada pois eram tidos como irmãos e trabalhando sistematicamente de parceria<sup>2</sup>. Torna-se agora necessário destrinçar a actividade de um e de outro tendo em conta que Sebastião de Abreu do Ó aprende a profissão e trabalha vários anos como oficial na oficina de seu pai.

Vejamos então a vida e a obra de Manuel de Abreu do Ó apresentando-se por ordem cronológica os elementos conhecidos.

Nasce na cidade de Tavira tendo sido baptizado como exposto na igreja matriz de Santiago no dia 23 de Dezembro de 1698. É, no entanto, filho do Padre Gaspar da Costa de Carvalho, que então residia intramuros na dita cidade, e de Maria de Abreu Torina, mulher solteira, sua concubina<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Francisco Lameira, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, pp. 242 e 247.

<sup>2</sup> A associação destes dois profissionais remonta aos finais de oitocentos e deve-se a J. H. da Cunha Rivara sem no entanto fazer quaisquer referências às fontes consultadas ("Obras de talha em Évora", *Noites de Évora. Miscelânea poética, romântica e de vária história*, Évora, 1897, 2.º vol., p. 83). Túlio Espanca retoma a ideia nos meados do século XX ("Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, n.º 21-22, p. 128) e a partir de então é repetida exaustivamente apontando-se a título de exemplo: Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, pp. 74 e 138; Ilídio Salteiro, "Manuel Abreu do Ó" e "Sebastião Abreu do Ó", *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, 1989, pp. 124 e 125; Miguel Angel Vallecillo Teodoro, *Retablistica Alto Alentejana (Elvas, Villaciosa e Olivenza) en los siglos XVII-XVIII*, 1996, p. 147 e Vítor Serrão, *História da Arte Portuguesa. 4. O Barroco*, 2003, p. 204.

<sup>3</sup> Arquivo Distrital de Évora, *Auto de justificação de genere de Manuel de Abreu do Ó de 4 de Outubro de 1757*: reque-

De referir que a dita Maria de Abreu nunca foi casada, ainda que depois de ter o dito Manuel de Abreu teve mais dois filhos, um Matias, que foi para Lisboa, que se dizia ser filho de um ourives João (?) Serrão e outro, António, que embarcou para fora, filho do alferes André dos Santos<sup>4</sup>.

Debaixo da protecção do Padre Gaspar da Costa de Carvalho e de Maria de Abreu Torina cresceu Manuel de Abreu do Ó. Deste modo, o Padre o pôs no estudo e o aplicou na solfa. O rapaz contudo deve ter preferido a profissão de canteiro, onde aprendeu o ofício na oficina de algum mestre tavnense. Deve igualmente ter aprendido a profissão de entalhador nalguma oficina que se fixara temporariamente na cidade do Gilão.

Ainda jovem casa em Tavira com Maria Josefa e continua a morar na casa do Padre Gaspar da Costa de Carvalho e de Maria de Abreu Torina. Em breve torna-se pai de três rapazes.

Como canteiro, Manuel de Abreu do Ó executa, por volta de 1722, as armas que estão nas Casas da Câmara desta cidade de Tavira. Esta pedra de armas actualmente já não existe<sup>5</sup>.

Como entalhador, provavelmente como oficial e integrado numa oficina de entalhe, trabalhou na feitura do retábulo-mor e dos dois retábulos colaterais da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Tavira<sup>6</sup>. Esta obra é ajustada pela importância de 1.820\$000 no dia 13 de Dezembro de 1722<sup>7</sup>. De anotar que estes três exemplares ainda existem apesar do acrescentamento posterior de um novo remate no retábulo-mor e de um dos colaterais ter sido parcialmente remodelado no século XIX.

Com vinte e poucos anos de idade e já com prestígio por ser *insigne escultor não só em madeira mas em pedra*, Manuel de Abreu do Ó muda-se definitivamente com a mulher e os filhos para a cidade de Évora, atraído pela procura de mão-de-obra especializada para a construção da nova capela-mor da Sé, obra patrocinada pelo rei D. João V e da autoria do arquitecto régio João Frederico Ludovice.

Algum tempo depois de 1722 e provavelmente até à conclusão da obra em 1729, trabalha como canteiro na construção da nova capela-mor da Sé de Évora.

Desconhece-se o momento e as circunstâncias exactas em que Manuel de Abreu do Ó deixa de exercer a profissão de canteiro e resolve constituir em Évora a sua própria

---

rimento pedido por Manuel de Abreu do Ó às autoridades eclesiásticas da diocese algarvia para justificar que ele fora baptizado por exposto na igreja matriz de Santiago de Tavira mas que na realidade é filho do Padre Gaspar da Costa de Carvalho e de Maria de Abreu Torina, já defuntos. Documento inédito cedido pelo Dr. José António Falcão, Director do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, a quem agradecemos a amabilidade.

<sup>4</sup> Ver nota anterior.

<sup>5</sup> Arnaldo Casimiro Anica, *Tavira e o seu Termo*, pp. 273 a 275.

<sup>6</sup> Ver nota n.º 3.

<sup>7</sup> Arnaldo Casimiro Anica, *O Hospital do Espírito Santo e a Santa Casa da Misericórdia de Tavira*, p. 56.

oficina de entalhe e responder desta forma à procura de entalhadores que se fazia sentir na região alentejana. Passa então a trabalhar, não só nesta cidade, mas também noutras localidades alentejanas, nomeadamente em Beja.

Túlio Espanca atribui a Manuel de Abreu do Ó e a Sebastião de Abreu do Ó a feitura do retábulo-mor da igreja do convento da Cartuxa em Évora<sup>8</sup>, tomando como referência a informação de Cunha Rivara que afirma: *são deles (os irmãos Abreus) a talha da Cartuxa*<sup>9</sup>. A ser verdadeira esta informação só pode referir-se aos dois retábulos colaterais existentes no mesmo templo e nunca ao retábulo-mor<sup>10</sup>, exemplar que se integra no Barroco pleno<sup>11</sup> e que é seguramente anterior a 1718, não só porque nesta data Manuel de Abreu do Ó ainda residia em Tavira e o seu filho Sebastião de Abreu do Ó nem tinha nascido, mas também porque no Alentejo eram ajustados neste ano os primeiros exemplares do Barroco final<sup>12</sup>, quer em Évora<sup>13</sup>, quer em Beja<sup>14</sup>.

Tomando em consideração os elementos fornecidos por Cunha Rivara e já mencionados anteriormente, a eventual primeira obra de Manuel de Abreu do Ó no Alentejo

<sup>8</sup> Por exemplo em *Évora*, 1961, p. 60. Curiosamente na fase final da sua vida já não mantém a atribuição e diz: *desconhecemos os nomes dos artistas entalhadores do notável retábulo* ("Nova Miscelânea", *A Cidade de Évora*, 1984-1985, n.º 67-68, p. 126).

<sup>9</sup> "Obras de talha em Évora", *Noites de Évora. Miscelânea poética, romântica e de vária história*, Évora, 2.º vol., p. 83.

<sup>10</sup> A atribuição do retábulo-mor da Cartuxa de Évora a Manuel de Abreu do Ó é um equívoco repetido por inúmeros autores incluindo eu próprio, apesar de já excluir a figura de Sebastião de Abreu do Ó (Francisco Lameira, "A talha" (do convento da Cartuxa de Évora), *Monumentos*, n.º 10, p. 27). Se porventura Manuel de Abreu do Ó trabalhou no retábulo-mor da Cartuxa foi sem dúvida a fazer alguma pequena intervenção pouco antes do douramento (o primeiro ajuste é feito em Março de 1729 e o segundo no mês seguinte), como então era vulgar nos retábulos que estavam vários anos por dourar. Em relação ao retábulo-mor do convento da Cartuxa de Évora é sem dúvida um exemplar de grande interesse compositivo que parece ter algumas ligações com o retábulo espanhol e particularmente com a modalidade chamada *churrigueresca*. Não é de excluir a possibilidade de que algum *estudo* ou *risco* da autoria do grande mestre entalhador espanhol José Bento de Churriguera tivesse chegado às mãos dos frades cartuxos de Évora. As proximidades formais com os retábulos churriguerescos, nomeadamente com a obra prima deste profissional, o retábulo-mor da igreja do convento de Santo Estevão de Salamanca, são bem visíveis no retábulo da Cartuxa: no impacto das colunas torsas empregues em níveis diferentes criando uma forte tensão no espaço intermédio, no predomínio do entablamento contínuo e na força da arquivolta exterior que remata o retábulo. De igual modo o ático possibilita a exposição de uma imagem devocional sem, no entanto, apresentar o impacto visual dos retábulos espanhóis. Em contrapartida surgem como particularidades portuguesas o embasamento do retábulo onde se evidenciam mármore policromos com embutidos, a profundidade da tribuna e a valorização do trono eucarístico.

<sup>11</sup> Fase do retábulo barroco que decorre em Lisboa entre c.1668 e c.1713. Sucede ao protobarroco (c.1619-c.1668) e antecede o barroco final (c.1713 – meados do século XVIII).

<sup>12</sup> Fase do retábulo barroco que decorre em Lisboa entre c. 1713 e os meados do século XVIII. Sucede ao barroco pleno (c.1668-c.1713) e antecede o rococó (meados do século XVIII – finais do século XVIII).

<sup>13</sup> Na escritura pública notarial de 19 de Fevereiro o mestre entalhador lisboeta Miguel Rodrigues compromete-se a fazer o retábulo-mor e um outro retábulo para a igreja do Convento de Santa Clara – informação inédita cedida gentilmente por Vítor Serrão, Director do Instituto de História da Arte na Faculdade de Letras de Lisboa.

<sup>14</sup> No contrato notarial de 14 de Dezembro o mestre entalhador lisboeta José Rodrigues Ramalho assume a execução do retábulo para a capela de São João Evangelista, sita no Real Convento de Nossa Senhora da Conceição – informação inédita cedida gentilmente por Vítor Serrão.

pode ter sido a feitura dos já referidos retábulos colaterais da igreja do Convento da Cartuxa de Évora, situados no *santuário dos irmãos*. A data mais viável para a construção destes exemplares, que já adoptam o barroco final, deve ser por volta de 1729<sup>15</sup>.

Em 1735 participa conjuntamente com o seu filho Sebastião de Abreu do Ó na feitura dos retábulos e no revestimento em talha das capelas colaterais da Sé de Évora, da invocação do Santíssimo Sacramento e das Santas Relíquias. De referir que esta intervenção é realizada por uma vasta equipa de entalhadores dirigida pelo mestre lisboeta Francisco Xavier Borges<sup>16</sup>. É interessante destacar que Robert C. Smith associa a talha destas duas capelas a três retábulos lisboetas, dois no transepto da igreja das Mercês e o terceiro no coro baixo da igreja do Convento da Madre de Deus, da invocação de Nossa Senhora da Boa Morte, evidenciando-se em todos eles, *em certas particularidades, tendências francesas*<sup>17</sup>.

No dia 18 de Junho de 1740 ajusta por 400\$000 réis numa escritura pública notarial celebrada com as freiras do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Beja o entalhe de todo o corpo esquerdo da igreja do referido cenóbio incluindo as molduras dos painéis e o púlpito<sup>18</sup>. Esta importante obra ainda subsiste.

Para o mesmo convento contrata no ano seguinte, no dia 1 de Agosto, o entalhe das paredes dos coros e outras obras<sup>19</sup>. Desta campanha nada sobrevive.

Ainda para o mesmo templo executa, na opinião de Túlio Espanca<sup>20</sup>, a traça do retábulo lateral da invocação de São Bento e provavelmente o entalhe. É ainda possível atribuir-lhe a traça e o entalhe de um outro retábulo, da invocação de São Cristóvão, situado na mesma igreja.

No dia 2 de Junho de 1742 é enterrada na igreja do Real Convento de São Francisco de Évora a sua mulher Maria Josefa<sup>21</sup>.

No dia 24 de Julho de 1743 ajusta por 500\$000 réis numa outra escritura pública notarial a feitura do retábulo da capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco

<sup>15</sup> Esta interpretação contradiz a que anteriormente referi não só na data mas também na atribuição da autoria do entalhe (Francisco Lameira, "A talha" (do convento da Cartuxa de Évora), *Monumentos*, n.º 10, p. 29). Lembro que os breves lançamentos do *Livro que há-de servir para as contas da Procuração do Convento da Cartuxa de Évora*, fls. 13, 32 e 34 são pouco explícitos dando oportunidade a diversas interpretações.

<sup>16</sup> Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Évora. Concelho de Évora*, vol. I, p. 32 e Marcos Hill, *A talha barroca em Évora. Séculos XVII-XVIII*, pp. 100 e 121.

<sup>17</sup> *A Talha em Portugal*, p. 105. Myriam Ribeiro de Oliveira integra estes elementos decorativos de origem francesa no período regência (*O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*, pp. 142 e 143).

<sup>18</sup> Arquivo Distrital de Beja, *Livro de Notas n.º 70*, de José Godinho Toscano, fls. 118 v.º a 121 – Informação inédita cedida gentilmente pelo Prof. Doutor Vítor Serrão.

<sup>19</sup> Arquivo Distrital de Beja, *Livro de Notas n.º 71*, de José Godinho Toscano, fls. 127 v.º a 129 v.º – Informação inédita cedida gentilmente pelo Prof. Doutor Vítor Serrão.

<sup>20</sup> *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Beja*, p. 186

<sup>21</sup> Túlio Espanca, "Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, p. 128.

vento da  
nstrução  
3<sup>15</sup>.

do Ó na  
e Évora,  
que esta  
estre lis-  
ssocia a  
reja das  
vocação  
articulari-

pública  
de Beja  
nolduras

entalhe

traça do  
possível  
ristóvão,

de São

pública  
rancio

do entalhe  
os breves  
13, 32 e 34

em Évora.

rancia no

idita cedida

ção inédita

de Beja, sita no convento de São Francisco desta cidade alentejana, de acordo com dois riscos que apresentou, *um pequeno e outro maiúsculo*<sup>22</sup>. Este exemplar também já não subsiste.

Num sinal evidente de afirmação social, à semelhança do que já fizera o seu filho, o doutor José de Abreu do Ó, quando se formou em Medicina na Universidade de Coimbra, Manuel de Abreu do Ó solicita no dia 16 de Agosto de 1757 às autoridades eclesiásticas da diocese algarvia uma certidão de justificação *de genere*<sup>23</sup> para que lhe reconheçam que, apesar de ter sido baptizado como exposto na igreja matriz de Santiago de Távira, na realidade é filho do Padre Gaspar de Carvalho e de Maria de Abreu Torina. O auto de justificação é passado a 4 de Outubro do mesmo ano.

A última referência a Manuel de Abreu do Ó data de 1762, ano em que habita na Rua Ancha em Évora e paga a décima municipal<sup>24</sup>.

A atribuição a Manuel de Abreu do Ó e a Sebastião de Abreu do Ó que Cunha Rivara e Túlio Espanca fazem dos retábulos-mores das igrejas dos Conventos eborenses dos Remédios e de São José<sup>25</sup> deve ser repensada parecendo ser mais correcto excluir a participação de Manuel de Abreu do Ó e associar ambos os exemplares exclusivamente a seu filho<sup>26</sup>.

A análise dos trabalhos executados por Manuel de Abreu do Ó permite verificar o seu percurso artístico entre o barroco pleno e o barroco final, se excluirmos a atribuição referente ao retábulos-mores das igrejas eborenses de São José e de Nossa Senhora dos Remédios.

No Algarve aprende e aplica o formulário do barroco pleno, que ainda perdura na região. Esta situação é bem visível na conjugação das colunas torsas decoradas com cachos de uvas, parras, fénix, etc. com os arcos salomónicos concêntricos do ático, por exemplo no retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Távira.

Na capela-mor da Sé de Évora, como canteiro, contacta com o formulário erudito vigente na corte de D. João V, próximo da estética italiana.

Por sua vez a obra que realiza como entalhador na região alentejana integra-se adequadamente no barroco final, eventualmente nos dois retábulos colaterais da igreja do

<sup>22</sup> Arquivo Distrital de Beja, *Livro de Notas n.º 13, de José da Costa e Silva*, fls. 127 v.º a 129 – Informação inédita cedida gentilmente pelo Prof. Doutor Vítor Serrão.

<sup>23</sup> Ver nota n.º 3.

<sup>24</sup> Túlio Espanca, "Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, p. 128.

<sup>25</sup> J. H. Cunha Rivara, "Obras de talha em Évora", *Noites de Évora. Miscelânea poética, romântica e de vária história*, Évora, 2.º vol., p. 83 e Túlio Espanca, "Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, p. 128.

<sup>26</sup> A excessiva abrangência cronológica das obras atribuídas a estes profissionais é referenciada por alguns estudiosos, por exemplo por Ana Maria de Mira Borges em "O retábulo do altar mor da igreja do Convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo", *Actas del IX Simposio Hispano-Portugués del Arte. El Retablo. Tipología, Iconografía y Restauración*, p. 180.

Convento da Cartuxa de Évora, depois na Sé da mesma cidade, nas capelas colaterais da invocação do Santíssimo Sacramento e das Santas Relíquias, e mais tarde na igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja, especificamente a talha do lado do Evangelho que reveste a nave do templo e os retábulos das capelas de São Bento e de São Cristóvão, estes últimos no lado da Epístola.

Vejamos finalmente, em termos breves, a actividade profissional do sucessor da oficina de entalhe de Manuel de Abreu do Ó: o seu filho Sebastião de Abreu do Ó, um dos mais proeminentes expoentes do rococó no Alentejo.

Em Évora aprende a profissão de entalhador na oficina de seu pai. Aí trabalha vários anos como oficial utilizando o formulário do barroco final. De entre essas obras refere-se a sua participação na feitura dos retábulos e no revestimento em talha das capelas colaterais da Sé de Évora, da invocação do Santíssimo Sacramento e das Santas Relíquias, integrado numa vasta equipa de entalhadores dirigida pelo mestre lisboeta Francisco Xavier Borges<sup>27</sup>.

Desconhece-se contudo em que circunstâncias exactas e quando passa a assumir a oficina do seu progenitor. Terá seu pai abandonado prematuramente a actividade profissional? Ou terá continuado a trabalhar na oficina do filho sem assumir qualquer tarefa de liderança?

O certo é que em 1747 já assume sozinho as suas obras. A 7 de Agosto deste mesmo ano compromete-se na cidade de Elvas com o Prior do Convento de São Domingos desta cidade, Frei Francisco de Portugal: *a fazer os capitéis e bases necessários para guarnecer as sete colunas da igreja e quatro meias colunas, a saber duas meias ao pé da porta e as outras duas ao pé do púlpito, toda esta obra forrará com a mesma talha que tem uma que já está assentada defronte da porta que vai para o claustro, de madeira de pinho de Flandres (...) por 300\$000 réis*<sup>28</sup>. Esta interessante e pouco frequente obra, do revestimento em talha das colunas de pedraria que separam as naves da igreja medieval, já não subsiste.

Já utilizando o formulário rococó tem-se conhecimento das seguintes intervenções. Em 1764 contrata dois retábulos em Évora no cartório notarial de que seu irmão Manuel de Abreu do Ó era Tabelião de Notas<sup>29</sup>. Um no dia 25 de Janeiro e o outro no dia 13 de Março. O primeiro, que já não subsiste, diz respeito ao entalhe do retábulo-mor da igreja

<sup>27</sup> Ver nota 16.

<sup>28</sup> Miguel Angel Teodoro Vallecillo, *Retablística Alto Alentejana (Elvas, Villaciosa e Olivenza) en los siglos XVII-XVIII*, pp. 126 e 147 e Arquivo Distrital de Portalegre, Cartório Notarial de Elvas, *Livro de Notas n.º 122*, fls. 64 a 65.

<sup>29</sup> O Tabelião de Notas Manuel de Abreu do Ó era irmão de José de Abreu do Ó, médico partidista formado na Universidade de Coimbra e de Sebastião de Abreu do Ó, entalhador, sendo todos filhos do entalhador Manuel de Abreu do Ó. O facto de todos eles, exceptuando o médico, residirem em Évora levou a que se confundisse a identidade do pai (mestre entalhador) com a do filho (Tabelião de Notas).

olaterais  
na igreja  
talha do  
de São

essor da  
o Ó, um

trabalha  
as obras  
alha das  
s Santas  
lisboeta

assumir  
ade pro-  
fer tarefa

to deste  
) Domin-  
essários  
neias ao  
ma talha  
madeira  
ite obra,  
la igreja

renções.  
Manuel  
ia 13 de  
da igreja

XVII-XVIII,  
65.  
niversidade  
Ó. O facto  
jai (mestre

matriz de São Martinho de Portalegre, ajustado com o Prior, o Padre Fr. João Pereira Mouzinho<sup>30</sup>. O segundo, que ainda existe, tem a ver com a feitura do retábulo-mor e no revestimento em talha do arco triunfal da igreja do convento de São João de Deus em Montemor-o-Novo, obra ajustada com o procurador dos irmãos de Nossa Senhora do Carmo<sup>31</sup>.

Em 1775 realizou segundo empreitada de 100\$000 réis a obra do revestimento e entalhe do arco da capela-mor da igreja da Misericórdia de Beja<sup>32</sup>. Obra inexistente.

Em 1779, ano em que habita na Rua da Mangalaça em Évora, paga a décima municipal<sup>33</sup>.

A última obra é assumida por volta de 1780. Trata-se do retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos<sup>34</sup>. Contudo já não o concluiu *por doença e invalidez*. O trabalho é completado pelo seu colega de profissão José Rosado<sup>35</sup>.

Mais uma vez sem indicar as datas nem tão pouco a origem das fontes, Cunha Rivara refere: *são obras deles (irmãos Abreus) a talha (...) da capela-mor do Convento dos Remédios e a da capela-mor do Convento das freiras de São José*<sup>36</sup>. Também esta opinião é repetida por Túlio Espanca<sup>37</sup> e exaustivamente por todos os estudiosos. Como já vimos antes, a atribuição destes dois retábulos deve restringir-se exclusivamente a Sebastião de Abreu do Ó. Para melhor atestar a qualidade da obra deste profissional referimos de seguida a opinião do estudioso americano Robert C. Smith em relação aos retábulos e ao púlpito da igreja de Nossa Senhora dos Remédios: *os três retábulos dos Remédios obedecem à fórmula chanfrada tão popular em Évora. Os colaterais, de uma sumptuosidade extrema, ostentam a peculiaridade invulgaríssima de duplos frontões, de perfil ondulante, por baixo de uma imensa sanefa, de igual estilo. No principal, onde as colunas levam delicadíssimas rosas e folhas assimétricas, a planta complica-se, mediante*

<sup>30</sup> Francisco Lameira, "A Talha" (do Convento da Cartuxa de Évora), *Monumentos*, n.º 10, p. 29.

<sup>31</sup> Ver nota anterior e José António Falcão, "O Mestre entalhador Eborense Sebastião de Abreu do Ó e a Feitura do Retábulo-Mor da Igreja do Convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo em 1764-1765", *O Montemorense*, 20 de Novembro de 1990, p. 3 e ainda Ana Maria de Mira Borges em "O retábulo do altar mor da igreja do Convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo", *Actas del IX Simposio Hispano-Portugués del Arte. El Retablo. Tipología, Iconografía y Restauración*, p. 183.

<sup>32</sup> Túlio Espanca, "Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, p. 128 e *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Beja*, p. 104.

<sup>33</sup> Túlio Espanca, "Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, p. 128.

<sup>34</sup> Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal. VIII Distrito de Évora*, I vol., p. 12 e Vítor Serrão, "Uma obra desconhecida do pintor maneirista André Peres: as tábuas do antigo retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1603)", *Sep. da Revista Callipole*, n.º 5-6, 1997-1998, p. 125 e idem, *História da Arte em Portugal. 4. O Barroco*, p. 204.

<sup>35</sup> Profissional que morou na Rua do Capado em Évora desde 1762 a 1773 e na Rua de Avis em 1787 (Túlio Espanca, "Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, p. 131).

<sup>36</sup> *Obra citada*, p. 83.

<sup>37</sup> "Artes e artistas em Évora no século XVIII", *A Cidade de Évora*, 1950, p. 128.

as ilhargas côncavas, dando efeitos leves e delicados. Por cima do arco do nicho central, onde a imagem do Crucificado está teatralmente exposta, desenvolve-se a maior passagem decorativa da escola, onde as linhas da característica cartela são repetidas em diversas camadas contra um fundo cujos ornamentos parecem lavrados em ourivesaria. (...) O mais importante púlpito rococó do Alentejo é incontestavelmente o de Nossa Senhora dos Remédios, em Évora, uma parte integral do grande conjunto de talha<sup>38</sup>.

Para concluir pode-se afirmar que Manuel de Abreu do Ó surge como um dos bons mestres entalhadores da época barroca em Évora. Já o seu filho Sebastião de Abreu do Ó atinge maior notoriedade por ser um dos principais expoentes do rococó alentejano justificando-se plenamente um estudo monográfico sobre a sua vida e obra.

---

<sup>38</sup> *A Talha em Portugal*, pp. 138 e 162.